

Editorial

A PRODUÇÃO científica em enfermagem no Brasil vem crescendo substancialmente nas últimas décadas. Este fato incontestável tem como um de seus principais fatores determinantes, a implantação dos primeiros cursos de pós-graduação *stricto sensu* em enfermagem, entre o fim da década de 70 e decorrer da década de 80 do século passado. Mais recentemente, houve um estímulo adicional à produção científica em enfermagem, representado pela implantação de novos cursos de mestrado e doutorado em enfermagem fora do eixo hegemônico da Região Sudeste, onde ainda estão localizados a maioria dos referidos cursos.

Certamente, a existência de cursos de mestrado e de doutorado em enfermagem no Brasil instalou entre os enfermeiros um clima acadêmico e de pesquisa que fomenta descobertas, alimenta discussões e diagnostica novos problemas. As entidades de classe da enfermagem têm tido destaque especial na definição do perfil científico da categoria. A Associação Brasileira de Enfermagem foi o embrião de tudo e no presente momento mantém-se como líder desse processo, na medida em que organiza todos os anos inúmeros eventos científicos gerais e por especialidades da enfermagem, aos quais ocorrem milhares de enfermeiros para discutir questões atuais, comunicar descobertas e conhecer novas tecnologias de seu campo de conhecimento e correlatos.

Como enfermeiros temos o pressuposto de que nossos principais problemas de pesquisa vêm das condições de vida e de saúde da população, mas recentemente vimos despertando para uma outra ordem de problemas dignos de nossa atenção, nem por isso desvinculados das referidas condições. Chegamos ao estágio em que superamos a preocupação inicial e prioritária em que investíamos grande energia estimulando o aumento quantitativo de nossas pesquisas. Estamos ingressando em um estágio em que é fundamental nos voltarmos, também, a avaliar a qualidade das pesquisas desenvolvidas pelos enfermeiros.

Portanto, desponta como problema digno de nossas investigações a própria pesquisa realizada pelos enfermeiros brasileiros nas diferentes regiões do país. É o estudo pormenorizado dos diversos segmentos dessa pesquisa que vai delinear o perfil da mesma, estabelecendo respostas a questões significativas para a categoria, a exemplo de como temos interagido com a sociedade brasileira, que tecnologias novas temos introduzido no cuidado à clientela nas diversas especialidades e situações de saúde, qual o nível de incorporação dos resultados de nossas pesquisas nos contextos do cuidado e no cotidiano de vida da população e como temos nos posicionado frente aos direitos inerentes à cidadania de cada cliente do qual cuidamos. Tais avaliações farão emergir, por consequência, o tipo de relação entre nossas pesquisas e os problemas prioritários de saúde das populações sobre os quais nossos pesquisadores têm se debruçado. Embora avaliações sobre a natureza de nossas pesquisas estejam apenas se iniciando no Brasil, há indicativos de que essa relação não é estreita o suficiente para

que as descobertas dessas pesquisas gerem muitos impactos visíveis para a população, o que se traduziria, entre outros indicadores, pela modificação positiva do seu perfil epidemiológico.

Trabalhar incansavelmente pela qualidade e compromisso social da pesquisa em enfermagem é uma tarefa atual e coletiva. Todos devem estar atentos ao rigor, à profundidade e à honestidade, indispensáveis no desenvolvimento da pesquisa. Concomitantemente, princípios políticos devem nortear todo o processo de pesquisa, os quais se materializam pela produção de soluções técnicas compatíveis com os mais urgentes e significativos problemas de saúde da população, pelo respeito aos mais diversos valores culturais, bem como pelo compromisso de gerar benefícios para o maior número possível de indivíduos. Em nome da Revista da Rede Enfermagem do Nordeste lançamos à categoria o desafio de avaliar até que ponto a pesquisa em enfermagem tem trilhado esse complexo caminho.

Maria de Nazaré de Oliveira Fraga